



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA LICENCIATURA

“ENFIM UM JORNAL ANARQUISTA”

Visão do jornal anarquista *O Inimigo do Rei* sobre o capitalismo e o comunismo

GABO DAS CHAGAS GAONA

Foz do Iguaçu
2025

“ENFIM UM JORNAL ANARQUISTA”

Visão do jornal anarquista *O Inimigo do Rei* sobre o capitalismo e o comunismo

GABO DAS CHAGAS GAONA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Profa. Dra. Endrica Geraldo

Foz do Iguaçu
2025

GABO DAS CHAGAS GAONA

“ENFIM UM JORNAL ANARQUISTA”

Visão do jornal anarquista *O Inimigo do Rei* sobre o capitalismo e o comunismo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Endrica Geraldo
(UNILA)

Prof. Dr. Clécio Ferreira Mendes
(UNILA)

Prof. Dr. Paulo Renato da Silva
(UNILA)

Foz do Iguaçu, 05 de agosto de 2025

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha família por terem me apoiado nessa jornada que foi cursar história, principalmente minha mãe Rosilda e minha avó Angela por nunca soltar minha mão em todos esses anos. Também gostaria de agradecer meus Guias e Orixás por estarem sempre comigo me dando forças para continuar dia após dia, sem eles eu já teria enlouquecido a muito tempo.

Não posso deixar de agradecer a todos meus amigos que sempre me apoiaram nessa escolha que fiz, em especial Kristen, Alicia, Bruna Moraes, Isabelly, Mariana e Bruna Neri por nunca deixarem de me incentivar, motivar e me amparar. Quero agradecer também aos amigos que fiz durante a graduação, sem eles eu teria desistido a muito tempo, principalmente a Laura, por sempre compartilhar seus lanches, risadas e até momentos tristes comigo, sem ela eu não teria um porto seguro.

Gostaria de agradecer à minha orientadora, Endrica Geraldo, por ter me apresentado a pesquisa sobre imprensa que acabei me apaixonando e por ter me aceitado como seu orientando, que mesmo tendo algumas mudanças durante o caminho nunca me deixou na mão e sempre me incentivou a buscar mais sobre essa área de pesquisa. Agradeço também a banca, Paulo e Clécio, são exemplos de professores e pesquisadores, e que me inspiram a continuar nessa caminhada no mundo acadêmico.

“O ANARQUISMO QUER: libertar o indivíduo de todas as amarras físicas e psíquicas; torná-lo sensível à dor do semelhante e capaz de pensar e agir como unidade, na formação de uma sociedade de iguais, com suas peculiaridades.”

(Edgar Rodrigues)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a visão dos anarquistas que compunham o jornal *O Inimigo do Rei* sobre o capitalismo e o comunismo, destacando também o uso de uma linguagem sarcástica e provocadora ao abordar esses temas. Publicado em Salvador, Bahia, entre 1977 e 1988, o jornal teve circulação esporádica e independente. O recorte adotado contempla as edições 14-15 (1981) e 21-22 (1987-1988). A metodologia fundamentou-se em autores como Tânia Regina de Luca, José D'Assunção Barros e Bernardo Kucinski. Como referencial teórico, recorreu-se a Roger Chartier. A pesquisa conclui que os anarquistas do jornal criticavam os dois sistemas por serem distintos, no entanto complementares, o capitalismo sendo responsável pela exploração econômica e alienação da classe trabalhadora, e o comunismo pela centralização do poder e repressão da autonomia individual.

Palavras-chave: anarquismo; capitalismo; comunismo; O Inimigo do Rei; imprensa alternativa.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es analizar las opiniones de los anarquistas que compusieron el periódico *O Inimigo do Rei* sobre el capitalismo y el comunismo, destacando también su uso de lenguaje sarcástico y provocador al abordar estos temas. Publicado en Salvador, Bahía, entre 1977 y 1988, el periódico tuvo circulación esporádica e independiente. El extracto seleccionado incluye los números 14-15 (1981) y 21-22 (1987-1988). La metodología se basó en autores como Tânia Regina de Luca, José D'Assunção Barros y Bernardo Kucinski. Se utilizó a Roger Chartier como marco teórico. La investigación concluye que los anarquistas del periódico criticaron ambos sistemas por ser distintos pero complementarios, el capitalismo es responsable de la explotación económica y la alienación de la clase trabajadora, y el comunismo de la centralización del poder y la represión de la autonomía individual.

Palabras clave: anarquismo; capitalismo; comunismo; O Inimigo do Rei; prensa alternativa.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. SOBRE A IMPRENSA ALTERNATIVA.....	13
3. AS PÁGINAS DO O INIMIGO DO REI.....	15
4. A CRÍTICA AO CAPITALISMO.....	20
5. A CRÍTICA AO COMUNISMO.....	23
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

1. INTRODUÇÃO

Durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985), a oposição não se limitou apenas aos grupos comunistas. Os anarquistas, embora não tenham formado grandes organizações armadas como algumas vertentes marxistas, desempenharam um papel fundamental na resistência cultural e política, especialmente por meio da imprensa alternativa, de publicações independentes e da participação em movimentos sociais.

Esta pesquisa propõe a investigação a respeito de como os anarquistas que fundaram o jornal *O Inimigo do Rei*, produzido na Bahia entre 1977 a 1988, criticavam tanto o comunismo quanto o capitalismo. Desde o início pensei em trabalhar com algo voltado ao anarquismo, encontrei um pouco no movimento punk, no entanto queria me aprofundar mais. Por este motivo, mudei a minha visão para análise de um jornal anarquista datado de 1977. O jornal chamado “O Inimigo do Rei” foi um jornal anarquista criado em Salvador, Bahia, e que teve sua circulação no contexto da ditadura militar que ocorreu entre 1964 e 1985. Era um jornal que mostrava resistência frente à repressão da ditadura.

A fonte principal usada nesta pesquisa é o jornal *O Inimigo do Rei*. A escolha dessa fonte se deu por conta da importância de um jornal feito por estudantes durante a ditadura militar, ou seja, uma imprensa alternativa diferente dos grandes periódicos que existiam na época. Este jornal começou por estudantes do curso de filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e ao longo dos anos se tornou reconhecido, tendo filiais em outros estados, como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (SIMÕES, 2007, p. 168). Nas edições analisadas neste trabalho (nº 14, 15, 21 e 22), é possível observar no Expediente a informação de que a publicação era realizada pela Editora e Livraria “A”, com sede em Salvador (BA), e impressa nas oficinas da Editora Joruês, em São Paulo (SP). Embora o conteúdo do Expediente seja constante nas edições, apenas os números 14 e 15 indicam, na capa, a circulação em diversos estados, como Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Já os números 21 e 22, apesar de manter o mesmo Expediente, não tem essas cidades na capa. Cada edição costumava ter, em média, 11 páginas, onde o conteúdo mesclava textos, ilustrações e denúncias políticas.

O recorte utilizado neste artigo será do período entre 1981 a 1988, com as edições 14-15 e 21-22 dos jornais. Como metodologia, vou utilizar o livro “Fontes Históricas” de Carla Bassanezi Pinsky, focado no capítulo “História dos, nos e por meio dos periódicos” de Tania Regina de Luca, o artigo “Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica” de José D’Assunção Barros e o capítulo “Panorama da Imprensa Alternativa no Brasil” do livro “Jornalistas e Revolucionários – Nos tempos da imprensa alternativa” de Bernardo Kucinski. E como referencial

teórico, irei utilizar o livro “A História Cultural – Entre práticas e representações” de Roger Chartier.

A busca pela fonte foi através da internet. Como o foco era o anarquismo, a procura se dava por “revistas anarquistas” e “anarquismo no Brasil”. Durante a busca, encontrei a capa do jornal *O Inimigo do Rei* nas imagens do navegador. Ao acessá-la, fui direcionado ao site da Biblioteca Digital da UNESP (Universidade Estadual Paulista), onde descobri que toda a coleção do jornal havia sido digitalizada. Essa digitalização faz parte de um projeto mais amplo da UNESP, em parceria com instituições como a Biblioteca Nacional, o Arquivo Público do Estado de São Paulo e a Biblioteca Mário de Andrade, o que possibilitou a preservação e o acesso público a diversos acervos históricos. A coleção digitalizada de *O Inimigo do Rei*, portanto, é de responsabilidade da UNESP e está disponível gratuitamente para consulta em sua plataforma digital.

Este artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente farei uma apresentação dos estudos a respeito da imprensa alternativa no período da ditadura militar e, mais especificamente, sobre o periódico *O Inimigo do Rei*. Em seguida, procurarei analisar o posicionamento do jornal sobre temas como capitalismo e comunismo, tendo como referência a metodologia já indicada. Finalmente, apresentarei as considerações finais sobre esses primeiros passos desta pesquisa.

2. SOBRE A IMPRENSA ALTERNATIVA

José d’Assunção Barros destaca que “os periódicos são, efetivamente, todos aqueles tipos de publicação impressa que são postos a circular, publicamente, com algum tipo de periodicidade, seja esta diária, semanal, anual ou qualquer outra” (BARROS, 2021, p. 422). O autor apresenta uma definição do que são os periódicos, destacando que esse tipo de publicação não se limita aos jornais diários, mas inclui qualquer impresso que tenha circulação pública regular, independentemente da frequência. Para Barros, o historiador deve compreender que “os jornais constituem um ‘meio de comunicação’ voltado para a captação das massas ou de segmentos ao menos significativos da população, com a capacidade de abranger uma diversidade de assuntos de interesse público” (BARROS, 2021, p. 425).

A historiadora Tânia Regina de Luca entende os periódicos como fontes privilegiadas para a compreensão dos conflitos e tensões de uma época passada, pois não capturam apenas os fatos noticiados, mas também os modos usados para narrar e selecionar informações. Ao discutir a imprensa como fonte, Luca alerta que “é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas desses impressos” (LUCA, 2009, p. 140), e por isso sua

análise exige cuidado metodológico, considerando o lugar social de quem escreve, o público a que se dirige e os recursos de linguagem utilizados.

Bernardo Kucinski define a imprensa alternativa como um fenômeno político e cultural que surgiu em oposição à grande imprensa, especialmente durante o período da ditadura militar no Brasil. Para ele, a chamada "imprensa nanica", foi uma palavra "inspirada no formato tablóide adotado pela maioria dos jornais alternativos, foi disseminada principalmente por publicitários, num curto período em que eles se deixaram cativar por esses jornais" (KUCINSKI, 1991, p. 9). Essa imprensa era, ao mesmo tempo, um meio de denúncia, organização política e produção cultural, desafiando os limites impostos pela censura e oferecendo novas linguagens na forma de narrar a realidade.

Roger Chartier (1990) destaca que todo impresso deve ser compreendido não apenas como um suporte de ideias, mas como uma prática cultural que articula representações e formas de apropriação. Para o autor, os impressos produzem e difundem modos de ver o mundo, legitimando determinados discursos e marginalizando outros, sendo necessário analisá-los em sua materialidade, nos contextos de produção, circulação e recepção. É fundamental para a análise dos periódicos, que não se reduzem a simples veículos de informação, mas funcionam como instrumentos de disputa simbólica e construção de identidades coletivas. Assim, aplicar a reflexão de Chartier ao jornal *O Inimigo do Rei* permite compreendê-lo não só como registro das ideias anarquistas, mas como prática cultural de resistência que buscava intervir no espaço público, confrontando tanto a imprensa hegemônica quanto os modelos de organização política vigentes.

Segundo João Henrique Oliveira (2007), o periódico incorpora temas clássicos do anarquismo, como a autogestão e a crítica à propriedade privada, mas também se alinha aos ideais da contracultura, discutindo sexualidade, drogas e a atuação das minorias políticas. Desde sua primeira edição, impressa em papel A4, o jornal apresentava um tom irreverente e provocador, características que contribuíram para sua rápida difusão entre militantes libertários de várias partes do país (SIMÕES, 2007).

Conforme Valdir Felix Gonçalves (2008), essa postura condiz com um novo discurso libertário que surgiu no Brasil a partir da década de 1970, renovando o anarquismo clássico com temas oriundos dos movimentos sociais emergentes. O jornal passou a adotar um formato tablóide e uma linha editorial mais ampla, incorporando debates sobre ecologia, sindicalismo, feminismo, homossexualismo, termo utilizado na época para se referir aos direitos LGBTQIA+ e a crítica aos partidos políticos, inclusive da esquerda institucionalizada.

A recepção do jornal nem sempre foi consensual, gerando debates acalorados dentro do próprio movimento anarquista. Algumas edições, como a de fevereiro de 1980, que estampava na

capa o slogan "Prática sexual ampla, geral e irrestrita", causaram desconforto em setores mais conservadores do campo libertário (GONÇALVES, 2009).

Assim, o jornal *O Inimigo do Rei* mostra o valor da mídia anarquista como um registro do passado, sendo uma ferramenta para lutar na política. Visto como parte da "Nova História Política", o jornal deixa ver modos diferentes de se envolver na política e na cultura, ajudando a entender as mudanças do anarquismo no Brasil depois de 1960. João Henrique Oliveira (2007) diz que *O Inimigo do Rei* ajudou a mudar o jeito de falar sobre liberdade, juntando ideias novas com as antigas do anarquismo, virando um dos maiores símbolos da luta independente quando o Brasil estava sob o contexto da ditadura militar.

Em resumo, o jornal *O Inimigo do Rei* é marcante na história da imprensa e do anarquismo no Brasil. A sua jornada mostra como grupos de estudantes e ativistas usaram a comunicação como jeito de fazer política, mudar a sociedade e se organizar, ainda mais quando a censura estava sendo imposta. Ao juntar ideias antigas do anarquismo com a cultura *underground*¹, o jornal deu um novo gás ao discurso libertário e abriu caminho para uma ação mais geral, diversa e que provocava mais no cenário político do Brasil nos anos 70 e 80. Entender essa história é importante não só para ver como esses grupos resistiram ao poder, mas também para dar valor a outros modos de criar conhecimento, de lutar e de guardar a memória do que aconteceu.

3. AS PÁGINAS DO *O INIMIGO DO REI*

A defesa da autogestão, da ação direta e da recusa aos partidos, expressa nas páginas do *O Inimigo do Rei*, retoma alguns elementos fundamentais da tradição anarquista, especialmente durante o movimento operário do final do século XIX e início do século XX no Brasil. Antes da Era Vargas, os sindicatos agiam de maneira independente, frequentemente inspirados por ideais libertários, com forte influência do anarquismo. Como destacam Corrêa, Silva e Santos (2013), “no caso brasileiro, não parece haver dúvida que isso se deu, principalmente, durante as primeiras décadas do século XX, quando a maior parte dos anarquistas investiu na construção do sindicalismo revolucionário, forma hegemônica de movimento social de trabalhadores naquele então”. Esse protagonismo anarquista é amplamente reconhecido por estudiosos como Helder Canal de Oliveira (2020), que aponta que “o anarco sindicalismo foi a corrente ideológica de maior relevância na “Primeira República”, atuando de forma permanente e insistente nos principais centros industriais do país.”

¹ Cultura underground é toda cultura que foge dos padrões impostos pela sociedade.

A partir da década de 1930, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder e a criação do Ministério do Trabalho, ocorreu uma mudança significativa, os sindicatos passaram a ser incorporados ao Estado, subordinados a um sistema de controle que limitava sua autonomia e vinculava suas ações à lógica do sindicalismo oficial. Enquanto correntes como os comunistas, católicos e socialistas perderam as forças e aceitaram a institucionalização dos sindicatos, os anarquistas resistiram, mantendo-se firmes na defesa da autonomia, embora tenham sido expurgados do movimento sindical (OLIVEIRA, 2020).

Durante a ditadura civil-militar (1964–1985), houve intensa repressão sindical, mas também, especialmente nos anos finais do regime, houve o surgimento de sindicatos mais autônomos e combativos, muitos inspirados pelas práticas libertárias anteriores à Era Vargas.

Na 14ª edição do jornal *O Inimigo do Rei*, publicada em 1981, os autores observam que, embora muitos movimentos sociais da época não adotassem abertamente o rótulo de “anarquistas”, suas práticas refletiam alguns princípios libertários.

É moçada, parece que o anarquismo voltou a preocupar tanto os socialistas autoritários quanto aos capitalistas de cá. Mesmo que os movimento não assumam o rótulo, a verdade é que a ação direta, o federalismo, a democracia direta - em uma palavra: a autogestão - são a prática da atualidade. (*O Inimigo do Rei*. N.14. 1981, pág.2)

O jornal apontava que ações como o federalismo, a democracia direta e a ação direta continuavam sendo aplicadas na prática, mesmo sob outras ideologias. Afinal essa constatação mostra que o anarquismo era uma proposta que permanecia atual, sendo capaz de se infiltrar nas lutas sociais mesmo sem a nomeação explícita.

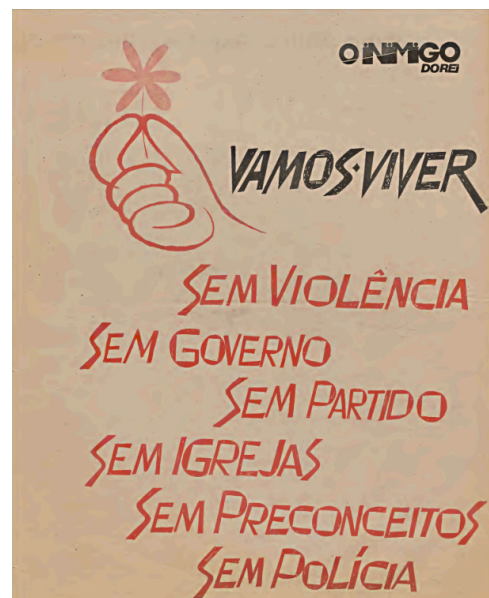


Imagem 1: O Inimigo do Rei, N.22, contracapa.

A ilustração na Imagem 1 de uma mão segurando uma flor combina delicadeza com resistência, como se estivesse provocando às formas autoritárias de organização social. A contracapa idealizava o sonho de uma sociedade livre, com pautas voltadas à autogestão, o rompimento com todas as formas de dominação e pela recusa a violência institucional. Portanto, é mais do que um simples manifesto, essa imagem atuava como contrainformação visual, desafiando os discursos de soberania que associavam a ordem à presença do Estado, da polícia, das religiões e dos partidos.

Outro aspecto central no discurso do jornal era a crítica à grande imprensa e à manipulação feita pelos meios de comunicação tradicionais. *O Inimigo do Rei* recorre ao conceito de contrainformação como estratégia para enfrentar a narrativa hegemônica, promovendo uma comunicação libertária que resista a imposição feita pela grande mídia.

Contra-informação, pra nós, é desmascarar essa imprensa corrupta e mercenária que idiotiza as pessoas, o país, o continente, o planeta e os seres extra-terrestres que nos visitam esporadicamente (atenção, revisor). Contra-informar é transmitir o outro lado da moeda, é contradizer o noticiário publicado na imprensa global, institucional. (ALMEIDA, José. N.21, 1987, pág.8)

A proposta não era apenas informar, mas desmascarar a alienação e oferecer ao público uma visão crítica do que estava acontecendo. O tom sarcástico, característico do jornal, fazia com que essa provocação fosse também uma forma de denúncia. A contra-informação, nesse contexto, assumia um papel político importante, buscando envolvimento das pessoas ao invés da neutralidade. Como observa Kucinski (1991, p. 26), “cínicos e libertários, os escritores satíricos e cartunistas desempenharam um papel central na resistência à ditadura brasileira”, reforçando essa linguagem subversiva que era utilizada pelos jornais alternativos.



Imagem 2: O Inimigo do Rei, N.21, pág.5.

O uso da expressão “Em nome da pátria” na Imagem 2 carrega um tom debochado e crítico. A frase, geralmente associada a discursos militares e nacionalistas, é tirada desse contexto e colocada sob um outro olhar. A tipografia reta, quase formal, imitava a estética de comunicados institucionais, no entanto por ser publicada em um jornal anarquista, antecipava a subversão de seu conteúdo. Ou seja, o título era uma antecipação irônica a desconstrução da ideia de pátria usada para justificar opressões, silenciar causas sociais e mascarar as contradições sociais.

Esse recurso visual reforça a imagem que *O Inimigo do Rei* queria passar, ou seja, usar a linguagem para denunciar a opressão, como se fosse um espelho distorcido. O jornal deixava clara sua intenção de expor o absurdo que era morrer ou sofrer “em nome da pátria”, quando na prática, isso servia apenas para os interesses daqueles que detêm o poder.

A crítica do jornal à estrutura social autoritária não se limitava somente à organização política ou à grande imprensa, mas se estendia também ao discurso nacionalista.

Somos contra todos aqueles que impedem a plena libertação dos homens: os governos, o patronato, os militares, a família nuclear burguesa, a igreja...e todas as doenças que estas nos causam. E a maior delas é o patriotismo. Que espetáculo horrível ver aquela multidão de fodidos com bandeirinhas verdes-amarelas nas mãos, e na boca - além do gosto amargo da fome - palavras carinhosas àqueles que os tiram a condição humana cotidianamente!! Para nós, socialistas libertários, e, antes de tudo, seres humanos, não existem pátrias. Existem pessoas de culturas diferentes, de formas diferentes de ver a vida, espalhadas pelo mundo... (Carlos. O Inimigo do Rei, N.21, 1987, pág. 4)

Para eles, reconhecer as diferenças culturais estava acima da ideia de pátria, assim reafirmando uma ética anarquista baseada na solidariedade entre os povos, e não em fronteiras ou símbolos nacionais. A crítica ao nacionalismo reforçava a ideia de uma nova prática política libertária que questionava os pilares ideológicos da dominação social feita pelo Estado.

O discurso se intensifica ao afirmar que as guerras não pertenciam aos povos, mas aos governos que brigavam entre si por territórios. Em modo direto e convocatório, incentivava os jovens a recusarem o serviço militar obrigatório, isto é, rejeitando a ideia de sacrificar a própria vida em nome dos interesses da burguesia e das elites políticas.

As guerras não são dos povos, são dos governos que disputam entre si maiores áreas para sua exploração! Jovens, recusem-se ao serviço militar obrigatório! Não queiram morrer servindo de bucha de canhão para os interesses da burguesia e dos governantes que tanto nos exploram!! Jovens, trabalhadores, mulheres, negros, índios, homossexuais, "marginais", menores abandonados... A nossa luta não é contra outros povos!! Nossa luta é contra aqueles que nos impedem de viver!! Morte aos governos, morte à burguesia, morte aos clérigos, morte aos patrões... morte à opressão!! Unamo-nos pela liberdade! Porque já é tempo de revolta!! (Carlos. O Inimigo do Rei, N.21, 1987, pág. 4)

O chamado à rejeição era ampliado ao abranger diversos sujeitos, como trabalhadores, mulheres, negros, indígenas, homossexuais, moradores de rua e jovens abandonados, a reconhecerem que sua verdadeira luta não é contra uns aos outros, mas contra o sistema que diariamente os privavam de uma vida digna. A mensagem era incisiva: o inimigo é interno, estrutural, institucional. A defesa dos oprimidos e da ação coletiva aparece como oposição à lógica de guerra, dominação e submissão estatal.

O jornal continua com a crítica ao alistamento obrigatório do serviço militar no Brasil, questionando as justificativas ideológicas utilizadas pelo Estado para justificar sua existência. A retórica da “defesa da soberania nacional” era vista como um meio do discurso oficial que exigia aceitação passiva, e não compreensão crítica.

No Brasil, os jovens são obrigados a servir às Forças Armadas. Em nome de quê? Da defesa da soberania nacional? Em defesa das fronteiras territoriais, da autodeterminação dos povos? Não é difícil convencer quando discursos não exigem compreensão e sim mera aceitação. Em nome da Liberdade. Países são criações do Poder; pátrias, guerras, homens subjugados e empobrecidos são criações do Poder. Bandeiras, hinos nacionais, são concepções culturais (as formas rígidas e cores que simbolizam tradição, prezam pela reprodução de valores seculares). (Al Mamlaka. O Inimigo do Rei, N.21, 1987, pg.5)

Ao desconstruir a ideia de nação, o jornal revelava como conceitos como “pátria”, “fronteiras” e “liberdade” eram, na verdade, construções simbólicas utilizadas pelo Estado para gerar submissão perante ao poder. Bandeiras e hinos nacionais, por exemplo, são apontados como instrumentos culturais que reforçam valores tradicionais, garantindo a continuação das estruturas de dominação.

4. A CRÍTICA AO CAPITALISMO

O jornal *O Inimigo do Rei* não se limitava a denunciar a repressão estatal ou os mecanismos de dominação, ele também apontava justamente as contradições estruturais do sistema capitalista como a causa fundamental do desequilíbrio social.

O meio social apresenta um radical desnivelamento na população, fruto das contradições capitalistas que geram confrontos destinados a demonstrar insatisfação através de greves e quebra-quebras, forjando no espaço social uma correlação de forças que é controlada pela negociação política ou pelo uso da força. (LOUREGA, Maria José. *O Inimigo do Rei*, N.21, 1987, pág.8)

O texto mostra que a desigualdade extrema entre as classes não era um simples desvio ocasional, mas sim uma consequência da lógica capitalista, que operava por meio da exploração e da concentração de renda e poder. As greves e manifestações, que eram frequentemente classificadas pelo Estado como “desordem” ou “quebra-quebra”, são, nesse ponto de vista, expressões da insatisfação popular frente à exclusão e à violência do sistema.

Além disso, o jornal denunciava o papel do capitalismo na marginalização e na violência contra os povos indígenas no Brasil, afirmando que esse sistema capitalista era incompatível e cruel com modos de vida que não se encaixam dentro da noção de propriedade privada, produção e lucro.

Do latifúndio surge o bóia-fria, camponês sem terras, produto da penetração do capitalismo no campo brasileiro; e o capitalismo tem alergia a índio. (Leco. *O Inimigo do Rei*, N.14, 1981)

Ao afirmar que "o capitalismo tem alergia a índio", o jornal indicava o caráter destrutivo dessa expansão capitalista sobre territórios indígenas, já que passava pela grilagem, pelo avanço do agronegócio, da mineração e por políticas estatais que se aliavam com essas práticas. Em outra passagem, o jornal denuncia a atuação das Missões Salesianas² no Alto Rio Negro, que pressionavam os indígenas a aprender o idioma português e a religião cristã, rompendo assim seus vínculos tradicionais com a vida comunitária e transformando-os em mão de obra barata para esse serviço no sistema capitalista.

² “Desde 1915, a missão salesiana se desenvolve junto a 23 etnias indígenas na região do Rio Negro e seus afluentes, no extremo norte do país. A dimensão missionária salesiana no Brasil tem expressão especialmente na presença entre povos indígenas. “O trabalho missionário indígena é, em primeiro lugar, a presença religiosa qualitativa. Consiste em estar com o povo, que tem sua cultura, seus costumes e sua religião própria. É uma experiência de encontro com o outro e, a partir disso, o atendimento e o desenvolvimento em uma ação evangelizadora”. INSTITUTO MISSIONÁRIO SALESIANO DA AMAZÔNIA. *Missões indígenas*. 2023. Disponível em: <https://isma.org.br/missoes-indigenas-2/>. Acesso em: 11 jul. 2025.

Pensar que nossas instituições estão moralmente sadias para resolver o problema, é não querer ver a realidade. No alto do rio Negro por exemplo, segundo denuncia o Folhetim de 24 de maio passado, as Missões Salesianas massacram a cultura indígena enchendo a cabeça dos índios de religião e português, desligando-os da vida tribal e entregando-os como mão de obra barata aos capitalistas da região. (Leco. O Inimigo do Rei, N.14, 1981)

Assim, o jornal afirmava que o indígena não era apenas vítima de violência direta, mas sim de um processo de apagamento. Ao colocar lado a lado o latifúndio, o bóia-fria e o indígena, o jornal desmascarava a máquina de exclusão operada pelo capitalismo em território brasileiro, uma crítica profunda à política indigenista e à falsa neutralidade dos órgãos oficiais.



Imagem 3: O Inimigo do Rei, N.15, contracapa.

A charge na Imagem 3 resume uma crítica já apresentada nos textos do jornal *O Inimigo do Rei* sobre a aliança entre elites econômicas, militares e instituições políticas. O homem de cartola está representando o sistema capitalista que manipula tanto os militares quanto os parlamentares, transformando a democracia em mera formalidade de fachada. A frase “a democracia se prostitui e o parlamentar é um mero cafetão” reforçava a ideia de que as estruturas políticas tradicionais apenas reproduziam o estilo de dominação do capital.

O Inimigo do Rei não criticava apenas as formações capitalistas externas aos movimentos sociais, mas também o modo como o capitalismo podia ser reproduzido dentro da própria resistência, especialmente quando se mantiveram relações hierárquicas, delegações de poder e separações rígidas entre política e economia.

Toda subordinação do político ao econômico, do econômico ao político ou separação de ambos os domínios, não faz senão reproduzir a divisão social do trabalho, imposta pelo capitalismo. Se o movimento operário e seus aliados praticam essa divisão em seu interior, perpetuam o capitalismo dentro do próprio movimento, criando uma classe de representantes, no qual delegam seu poder para exercê-lo em seu nome. (MIRANDA, Claudio. *O Inimigo do Rei*, N.15, 1987, pág. 9)

Assim se torna evidente, por exemplo, quando movimentos operários criavam internamente uma “classe de representantes” que falava em nome da base, centralizando decisões e concentrando o poder em um único grupo. Com isso, mesmo dentro de movimentos que eram supostamente revolucionários, pode haver formas internalizadas de controle.

Ademais, o periódico mostrava sua visão ao afirmar que o capitalismo era totalmente incapaz de oferecer soluções reais para a classe trabalhadora. A desigualdade, a exploração e a alienação não eram somente falhas dentro do sistema, mas eram o que sustentavam o capitalismo funcionando, tornando necessária não só uma reforma, mas uma ruptura ou seja, uma revolução social.

Em resumo, no capitalismo não existe solução para a classe trabalhadora e por isso, preconizamos a revolução social. Além disso, entendemos que a organização anarco-sindicalista deve cumprir um papel de resistência e preparação para uma nova sociedade. (*O Inimigo do Rei*. N.22, 1988, pág. 3)

Sem dúvida, existia uma defesa do anarcossindicalismo, compreendido não apenas como forma de organização sindical, mas como um método de resistência do cotidiano e, ao mesmo tempo, um ponto de partida para uma sociedade do futuro. A organização autogestionária sendo baseada na solidariedade entre trabalhadores era vista como resistência, e preparação prática e ideológica para um mundo sem exploração.

O Inimigo do Rei intensifica sua crítica ao capitalismo como sistema de soberania. A denúncia vai além da exploração no trabalho, o jornal apontava que o consumo, o lazer e a moral também eram ferramentas de controle e privação, criando uma sociedade em que a maioria era manipulada e subordinada a aceitar, como algo natural, um sistema opressor e desigual.

A Leste como a Oeste, o capitalismo não deixou de ser um tipo de sociedade desumana, na qual a grande maioria é oprimida no seu trabalho, manipulada no seu consumo e nos seus ócios. A propaganda e a polícia, as prisões e as escolas, os valores e a moral tradicionais, contribuem para reforçar o poder de uma minoria e para convencer ou obrigar a maioria a aceitar um sistema brutal, degradante e irracional. (*O Inimigo do Rei*. N.22 1988, pág. 11)

O olhar era direcionado à violência estrutural do capitalismo, que não era sustentada apenas por repressão policial e econômica, contudo também por formas sutis de convencimento,

como a propaganda, a educação e os valores tradicionais. Ao chamar o sistema de “brutal, degradante e irracional”, os autores reafirmam que o problema do capitalismo não está em sua má gestão, mas em sua própria essência, que naturaliza a concentração de poder, a submissão popular e a reprodução da desigualdade como algo permanente.

5. A CRÍTICA AO COMUNISMO

O anarquismo no Brasil começou a se difundir sobretudo a partir da década de 1890, com a formação de grupos de propaganda e de periódicos voltados à classe trabalhadora urbana. Como observa Cláudio Batalha (2000, p.23), esse processo atingia “um público mais amplo do que as experiências de comunidades libertárias rurais, como a Colônia Cecília (1890-94) em Palmeiras (PR)”. Seus principais ideais eram o anti-estatismo, o federalismo, a recusa da participação político-parlamentar, o anticlericalismo e a rejeição de qualquer forma de opressão sobre o indivíduo. Ainda segundo o autor, “em sua maioria, os anarquistas no Brasil eram seguidores das posições do russo Pedro Kropotkin e do italiano Errico Malatesta” (2000, p.23). Dessa forma, o anarquismo consolidou-se como uma corrente que valorizava a ação direta, a autonomia e a auto-organização dos trabalhadores, sem recorrer a negociações institucionais ou à via eleitoral.

Já o comunismo ganhou espaço a partir do impacto da Revolução Russa de 1917, que inspirou setores do operariado brasileiro a buscar formas de organização mais centralizadas e disciplinadas. Como destaca Batalha (2000, p.35) , “em 1922, com a fundação do Partido Comunista do Brasil, consolidou-se uma nova corrente ideológica no movimento operário, que já vinha sendo gestada desde o final da década precedente, no rastro da influência da Revolução Russa”.

A nova corrente diferenciava-se tanto dos socialistas quanto dos anarquistas, por sua forma de organização e estratégias de atuação. De acordo com Batalha (2000, p.35), “o PCB diferia tanto dos socialistas como dos anarquistas: era uma organização centralizada e nacional (mesmo que essa implantação nacional não tenha ocorrido imediatamente), que, apesar de defender uma mudança revolucionária, não renunciava à participação nas eleições como forma de propaganda e aceitava tomar parte – através dos sindicatos sob sua influência – das negociações, visando conquistas a curto prazo para o operariado, como ocorreu na discussão da regulamentação da lei de férias em 1926”.

Portanto, embora tanto os anarquistas quanto os comunistas compartilhassem a perspectiva de rejeição ao capitalismo, suas práticas e concepções estratégicas divergiam de

maneira significativa. Os anarquistas defendiam a construção de uma sociedade descentralizada, baseada em associações livres e na rejeição do Estado, enquanto os comunistas propunham a utilização de um partido centralizado e a conquista do poder estatal como meio de promover a transição revolucionária.

A crítica que *O Inimigo do Rei* fazia ao comunismo ganhava aqui um tom profundamente irônico e pessoal, quase como um modo de deboche na forma de deslegitimar o discurso da esquerda autoritária. Ao afirmar que os comunistas “continuam os otários de ontem, hoje & amanhã”, o autor mostra seu cansaço com a repetição das fórmulas ideológicas.

Meu Deus, meu Deus ai que tédio, os comunistas continuam — como o querido Gil mui bem definiu anos atrás — os otários de ontem, hoje & amanhã. Tudo iguazim, lá & qua os cururus (como chamavam os militantes do Partido Comunista do Brasil) que me levaram a trocar o sucídio por vir & cachaça dos meus dezoito anos pelo "árduo caminho da revolução brasileira", Não quero privilegiar nesta esculhambação à esquerda, que ora faço nestas lidas páginas, apenas os autênticos cururus made in Pequim. (MENEZES, Rogério. *O Inimigo do Rei*, N.15. 1981, pág.8)

A menção aos “cururus”, apelido dos militantes do PCdoB (Partido Comunista do Brasil) reforçava o desprezo que existia por essa figura política que, para o jornal, sacrificava a vivência, a liberdade e o pensamento crítico em nome de uma revolução burocratizada.



Imagem 4: O Inimigo do Rei, N.15, pág.8.

A imagem 4 é uma chamada visual irônica com a frase "Comunista é a mãe!" destacada em letras grandes, quase como um título ou grito de resposta. A letra "C" é estilizada como uma

foice e a exclamação final é transformada em um martelo, completando o símbolo da foice e martelo, tradicionalmente usado pelo comunismo.

No entanto, essa frase não está em tom de apoio, mas sim de sarcasmo. A frase, é escrita de maneira popular que se assemelha a uma resposta agressiva ou de chacota, funcionando como crítica direta ao comunismo autoritário. O uso do símbolo da foice e do martelo foi usado para satirizar e não celebrar o comunismo, trazendo uma posição política clara: *O Inimigo do Rei* combatia tanto ao capitalismo quanto à esquerda tradicional, ou seja, denunciando os comunistas autoritários que eram tão opressores quanto os capitalistas.

O jornal questionava essa promessa de que o sofrimento atual daquela época era necessário para se alcançar o comunismo no futuro, denunciando que essa lógica era como uma nova forma de opressão baseada na crença e não na prática real. Ao ironizar a ideia de “estágio dialético”, o jornal mostrava como a teoria marxista foi alterada e usada como justificativa para manter a população submissa, fazendo com que a transição socialista fosse um eterno adiamento da liberdade.

Essa é a infra-estrutura real da repressão, do partido único, da polícia secreta, dos dissidentes, nos países marxistas. A ideologia de classe dominante é a balela do estágio do socialismo (porque baseado em Hegel que via tudo como estágios dialéticos preparatórios) para fazer o povo acreditar que estão sofrendo para construir o comunismo onde as classes seriam abolidas e implantada a autogestão. O estágio preparatório do comunismo é o novo ópio do povo. (LÍPER, Ricardo. *O Inimigo do Rei*, N.21, 1987, pág. 3)

Esses “estágios dialéticos preparatórios” seriam, segundo o jornal, o novo ópio do povo, uma inversão da famosa frase de Marx. Ou seja, em vez de libertar, a ideologia marxista autoritária se convertia em instrumento de dominação, assim como a religião era para o velho regime burguês.

Há uma crítica irônica sobre quão superficial eram certos discursos revolucionários que, embora denunciasse o capitalismo, não mudavam as estruturas reais da vida cotidiana e tampouco promoviam mudanças concretas na sociedade.

O grande desafio hoje para um assalariado qualquer está sendo como salvar a sua situação do dia-a-dia como pessoa consigo mesma. Pode-se fantasiar um pouco este conflito e dizer, no gênero salva pátria, em tons proféticos, que o problema é derrubar o capitalismo. Bela frase. Mais bonito ainda é identificar-se com um processo redentor destas cruas realidades, uma interpretação histórica incomum que não pode estar errada, é tiro. na mosca. E queda, mais ainda queda (está parecendo o drama acontecido com Adão em voltas com o peso da desobediência) para quem só perde privilégios. (ARARIPE, Flavio. *O Inimigo do Rei*, N.14, 1981, pág.11)

O jornal alertava para o risco de transformar a crítica ao sistema em um gesto retórico vazio, em que o “derrubar o capitalismo” soava mais como uma fantasia do que como um

compromisso com a revolução real nas condições cotidianas. A crítica revelava quanto o dogma de certas leituras marxistas podia se aproximar de crenças absolutas e fechadas à autocrítica. Ao final, o jornal apontava o incômodo real desses setores com a perda de privilégios, assim evidenciando que muitas vezes a fidelidade a uma causa revolucionária escondia interesses conservadores e autoritários disfarçados de revolucionários.

O Inimigo do Rei confronta uma das estratégias mais defendidas pela esquerda tradicional, que era a união das esquerdas com foco em conquistar o poder por meio de eleições e reformas parlamentares. Ao mencionar o Partido dos Trabalhadores (PT), o jornal ironiza que essa aposta institucional era basicamente uma ilusão reformista, que não rompe com o sistema, porém apenas acaba se adaptando.

Alguém pouco menos ingênuo pode achar que a solução está na união das esquerdas, afim de concentrarem seus esforços e levar um partido como o PT, ou coisa que o valha, ao poder, chegando à famosa reforma social via parlamento, tão pretendida pelas esquerdas tradicionais, para colimar com o fim supremo do Comunismo de Estado. Ninguém pode se iludir com tal promessa, pois a ditadura do proletariado não passará de pretexto para a verdadeira ditadura dos intelectuais, que, por terem acesso a um saber mais científico, julgam-se no direito de autoritariamente representar as aspirações do proletariado, que supostamente seria o ditador. (Carlos. *O Inimigo do Rei*, N.22, 1988, pág. 10)

O jornal acusa esse modelo de substituir uma dominação capitalista por uma nova forma de autoritarismo, exercida por intelectuais que, em nome de um saber “científico”, se colocavam como legítimos representantes do proletariado. Sendo assim, a tão falada “ditadura do proletariado” acabava se tornando, de fato, a ditadura dos que falam em nome do proletariado, mas sem envolvê-los verdadeiramente nas decisões necessárias.

Há também a denúncia do preconceito presente dentro da própria esquerda “avançada”, revelando como essa parte política, embora se dizia revolucionária, frequentemente reproduzia padrões morais, autoritários e normativos da sociedade que afirmava combater. O jornal expõe essa contradição de uma esquerda que classificava pessoas homoafetivas como “burgueses individualistas”, por supostamente não estarem engajados nas “grandes causas sociais”.

Para a esquerda “avançada”, somos normais, porém burgueses individualistas (como usam rótulos, não?) que se esquecem das grandes causas sociais, que mudarão a estrutura social, acabando com toda a opressão existente. Não se lembram de que somos todos produtos dessa sociedade opressora, com a relação dominador-dominado profundamente internalizada em nós, e portanto tendemos a reproduzi-la em toda a nossa prática do cotidiano. (ARARIPE, Flavio. *O Inimigo do Rei*, N.14, 1981, pág.11)

No entanto, ignoravam que a luta por liberdade sexual e a rejeição de papéis normativos também eram formas de enfrentar o sistema opressor. O texto aponta que essas esquerdas

desconsideravam que todos são produtos de uma sociedade opressora, e que a lógica dominador-dominante se manifestava inclusive nas práticas militantes cotidianas. O jornal reivindicava a construção de uma nova ética revolucionária, sendo ela plural, libertária e totalmente crítica, que reconhecesse as complexidades da existência humana para além dos sistemas econômicos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do jornal *O Inimigo do Rei* permitiu compreender de forma crítica como a imprensa alternativa atuou como instrumento de resistência política e cultural aos sistemas de poder, não apenas à ditadura militar e ao capitalismo, mas também ao comunismo. Através de textos provocativos e imagens carregadas de simbolismo, o jornal defendeu a autogestão que o anarquismo prega. Além disso, *O Inimigo do Rei* se posiciona firmemente diante do capitalismo opressor e do comunismo autoritário de centralização partidária.

Portanto, *O Inimigo do Rei* revela como o anarquismo brasileiro se expressou de forma autônoma e combativa contra o sistema democrático burguês, da repressão militar, do nacionalismo e da falsa neutralidade da grande imprensa, e isso dialoga com que o autor Edgar Rodrigues (1999) apresenta que “o anarquista é um resistente à submissão, às mentiras convencionais, à desigualdade, que o tempo transformou em “religião do Estado”, fazendo assim com que sua crítica ao capitalismo, ao Estado, às instituições e aos discursos patrióticos mostrasse a radicalidade de sua proposta política. A análise também aponta como o uso de fontes não convencionais pode enriquecer o olhar do historiador, permitindo acessar diferentes vozes e projetos políticos marginalizados, fundamentais para a compreensão da diversidade das lutas sociais no Brasil.

REFERÊNCIAS

BATALHA, Cláudio. **O Movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BARROS, José d'Assunção. **Sobre o uso dos jornais como fontes históricas: uma síntese metodológica**. Revista História: Questões & Debates, Curitiba, n. 75, p. 417-446, jan./jun. 2021.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural _ entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CORRÊA Felipe; SILVA, Rafael Viana da; SANTOS, Kauan Willian. **Anarquismo e movimentos sociais no Brasil (1903-2013)**. São Paulo: Faisca Publicações Libertárias, 2015.

DE LUCA, Tânia Regina. **História de, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

GONÇALVES, Valdir Félix da Conceição. **Anarquismo, Imprensa e Poder: Facetas de um novo discurso libertário brasileiro nas páginas do jornal O Inimigo do Rei (1977-1988)**. In: ANPUH/SP. XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. São Paulo: ANPUH-SP/USP, 2008.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários. Nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Ed.Página Aberta, 1991.

OLIVEIRA, Helder Canal de. **A luta operária no Brasil: o anarquismo e o sindicalismo revolucionário na Primeira República (1889–1930)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

OLIVEIRA, João Henrique . **Imprensa anarquista e estratégias de propaganda: a experiência dos jornais O Inimigo do Rei (1977-1988) e Libera (1991-2011)**. In: XIX Encontro de História da Anpuh-Rio, 2020, Rio de Janeiro. Anais do XIX Encontro de História da Anpuh-Rio - História do futuro: Ensino, Pesquisa e Divulgação Científica, 2020.

O Inimigo do Rei, 1981, ano V, n. 14. Disponível em:
<<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/895ba936-59f3-420f-affc-cd8c05bcd1db>>. Acesso em: 10/out/2024.

O Inimigo do Rei, 1981, ano V, n 15. Disponível em:
<<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/d7331874-1884-450f-8169-209220041f9e>>. Acesso em: 10/out/2024

O Inimigo do Rei, 1987, n 21. Disponível em:
<<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/649dc473-7084-4f34-ae42-7841a8a49603>>. Acesso em: 10/out/2024

O Inimigo do Rei, 1988, n 22. Disponível em:
<<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/6cb7a463-2d5d-47d6-b215-eb17b2f848f7>>. Acesso em: 10/out/2024

SIMÕES, Gustavo. **Por uma militância divertida: o Inimigo do Rei, um jornal anarquista.** Revista Verve, São Paulo, n. 11, p. 168–181, 2007.

RODRIGUES, Edgar. **Pequeno dicionário de ideias libertárias.** 3 edição. Rio de Janeiro: Editora CC&P, 1999.